

LUCAS RAMON PAIVA MELO

O PAPEL DA LITERATURA NA HABILIDADE DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA NO ENSINO FUNDAMENTAL

RESUMO

Nas aulas de Inglês os professores devem aliar a diversos recursos para o desenvolvimento da leitura no ensino de línguas, incluindo a literatura. Sendo assim, este artigo busca compreender os papéis da literatura na formação leitora das crianças do ensino fundamental nas aulas de Inglês. Para tanto, essa pesquisa consultou a bibliografia sobre o ensino de leitura, literatura no ensino de línguas, psicologia da infância, literatura infantil e os documentos oficiais da educação, bem como se mostram os dados coletados durante a experiência de estágio supervisionado no ensino fundamental do curso de Letras- Língua Inglesa da Universidade Federal do Pará. Portanto, pode-se concluir que um dos papéis da literatura na leitura em Inglês é fazer o aluno relacionar palavras que ainda não conhecem às palavras que já são conhecidas em diferentes contextos, para assim racionalizarem, chegarem a compreensões coerentes, guiados pela fantasia cunhada pelos escritores, a literatura tem o efeito de evitar usos estereotipados da língua alvo, somando criatividade na relação de significados, e no trânsito de interpretações intermediado pela tradução, não literal, nem por unidades textuais, mas sim pelo contexto, o que expande as possibilidades conotativas em Inglês.

INTRODUÇÃO

A língua estrangeira moderna nas escolas brasileiras não pode ser fadada a um conglomerado de habilidades linguísticas trabalhadas, tão pouco hegemonizá-la a excessiva abordagem de uma específica. Torna-se proveitoso desenvolver didática crítica e contextualizada à prática social no ensino de escuta, fala, escrita e leitura. Sobre essa última, aqui é investigada, no que tange sua funcionalidade para a compreensão textual em língua inglesa, em conformidade à proposta da Base Nacional Comum Curricular - (BNCC, Brasil, 2018, p. 244) que orienta que as práticas leitoras em inglês devem conceber possibilidades diversas dos contextos de uso das linguagens, para investigação e construção de conhecimentos significativos ao estudante, “com trabalhos de natureza interdisciplinar ou fruição estética de gêneros como poemas, peças de teatro etc.” O próprio documento oficial de educação, delibera o ensino da leitura em língua inglesa, por meio da literatura e ofertado com o vínculo ao contexto social a ser mobilizado a partir da diversidade de uso da linguagem e da intermediação dessa prática artística literária como potencializadora do aprendizado leitor significativo.

Dessa forma, é evidente a necessidade de elucidar com mais propriedade as possibilidades de ensinar leitura em inglês no ensino fundamental com uso da Literatura, que aparece eventualmente na proposta da BNCC, mas que precisa ter sua autenticidade como inerente aos usos comunicativos sistematizados nas aulas. Segundo Proença Filho (2007) a Literatura é a arte das palavras, representação estética da linguagem humana, que congrega valor cultural e criativo, pois através disso,

proporciona inúmeras interpretações diante de diferentes interações advindas do contato com os textos literários. Partindo disso, torna-se imperioso investigar aqui a leitura, aliada às diversas possibilidades de construção de significados na língua estrangeira, para que possam ser demonstrados alguns de seus papéis na formação de leitores em língua inglesa no âmbito do ensino fundamental anos finais.

Sendo assim, este artigo busca compreender os papéis da literatura na habilidade de leitura em Inglês no ensino fundamental e propor apontamentos que descrevam a funcionalidade no domínio da compreensão leitora que os textos literários veem proporcionando, tanto na perspectiva teórica, referente aos dados dos estudos consultados, quanto em breve recorte de observações da prática da educação básica. Para tanto, correlacionam-se aqui, teorias pertinentes da revisão bibliográfica executada sobre a literatura no ensino fundamental, os textos literários na aula de Inglês, o ensino e aprendizagem das infâncias e a literatura infantil, aos dados relevantes das observações coletadas durante a experiência da disciplina de estágio supervisionado no ensino fundamental do curso de Letras - Língua Inglesa da UFPA - Universidade Federal do Pará, ocorrida em uma escola estadual do município de Capanema.

REVISÃO DA LITERATURA

Expandindo o suporte da linguística aplicada na educação ao ensino de literatura, as aulas de leitura em Inglês precisam reconhecer diferentes nuances das interações comunicativas do aluno (a) com o mundo e consigo mesmo (a), como balizador da prática pedagógica que seja capaz de construir significados e sensibilizar os (as) aprendizes a esses sentidos. Essa sistematização é necessária para obtenção de resultados mais satisfatórios e operantes na criatividade e multiplicidade conotativa que tem o uso da literatura na aula de leitura em inglês, pois os alunos merecem estar preparados para “analisar a linguagem antes de poderem responder subjetivamente a um texto” (Brumfit e Carter, 1986, p. 3, tradução própria).

O olhar epistemológico do professor de literatura e língua inglesa às possíveis intimidades que os estudantes podem apresentar para a interpretação rica dos textos literários, além de alimentar a subjetividade nas respostas, relaciona-se muito com o fator do engajamento ao hábito da leitura, e conversa diretamente com a emancipação do aluno como leitor, considerando que as pessoas tendem a gostar ou não de uma obra, tanto pelas características dela e como podem se conectarem aos conhecimentos prévios, quanto da forma e condições em que o leitor tem contato com ela. Partindo desse princípio, por se tratar aqui da literatura na educação básica, urge breve verificação de como os documentos oficiais de educação articulam as possibilidades conotativas na competência leitora em língua estrangeira, para guiar percepções quanto à dinamização das subjetividades dos alunos nessa abordagem. A BNCC de língua inglesa (2018, p. 252) propõe:

– Práticas de leitura de textos diversos em língua inglesa (verbais, verbo-visuais, multimodais) presentes em diferentes suportes e esferas de circulação. Tais práticas envolvem articulação com os

conhecimentos prévios dos alunos em língua materna e/ou outras línguas

Assim, pode-se entender como imperativo a mobilização das saberes empíricos dos alunos para sua formação leitora, e que a articulação das construções múltiplas de significados nesse trato são propostas pela imersão, tanto na interculturalidade das línguas (materna, estrangeira/adicionais), quanto nos meios de divulgação, características, e informações dos textos. Essas alegorias conduzem ao questionamento de como os textos literário e sua linguagem criativa e conotativa na língua estrangeira podem funcionar na formação crítica e leitora do ensino fundamental brasileiro?

Como breve resposta, jamais finalizadora, adotada também como partida das discussões sobre a mobilização das experiências prévias dos alunos para tornar os possíveis significados advindos da leitura da literatura na aula de inglês sensíveis as realidades, se valida do posicionamento de Collie e Slater (2011, p. 4), de que o leitor desvende seus próprios pensamentos, hábitos, poderes, sentimentos e propriedades, bem como reforça ou inova suas crenças, medos e admirações, refletidas no/do seu desempenho comunicativo, através do alcance de autoconhecimento, ao lidar com o mundo imaginado e ao mesmo tempo vívido da literatura, e é isso que otimiza ao leitor estrangeiro a aquisição de noções de códigos e questões culturais que estruturam as diferentes sociedades reais. Diante do que declaram as autoras, a sensibilização dos sentidos alcançados pela leitura com texto literários na aula de inglês no fundamental II precisa enveredar por essas relações que o aluno e suas subjetividades (poderes, hábitos, medos, etc.) podem firmar e para tanto as estratégias didáticas podem se valer das expectativas, ativação de conhecimentos de mundo/prévio, sensibilização, necessidades comunicativas, pressuposições e experiência particular para a formação de cada leitor em Inglês como língua estrangeira por intermédio das literaturas.

A respeito da ativação dos conhecimentos prévios dos alunos, essa é uma etapa incontornável para mediação agradável e sensível das construções de sentidos da leitura do texto literário com as subjetividades das realidades socioculturais que o leitor estrangeiro dispõe, apontam-se aqui as pressuposições, inferências e previsões sobre diferentes trechos ou elementos, pois de acordo com Brumfit e Carter (1986, p. 3, tradução própria) “Respostas intuitivas a um texto são centrais para o processo de leitura e releitura da literatura”, e certamente esses mecanismos, ainda que cruciais para os primeiros passos metodológicos do ensino de literatura como, a seleção de texto e a adoção da melhor maneira de atingir o gosto e contato agradável ao estudante, não devem se bastar nisso, ao continuarem, fomentam releituras, e introduzem até outros processos essenciais para a construção de significados, como evocação de memória de outras leituras de mundo, ao decorrer da interpretação, e também para a discussão e compartilhamento posterior.

Esse percurso didático, em visão rasa parece simples e acabada para se conseguir resultados promissórios. Sobretudo, não é conveniente ser levado por essa impressão, tendo em vista os apagamentos que o ensino da disciplina Literatura encontra na política educativa brasileira, tanto que devida à exclusão dela como componente independente

no currículo do ensino fundamental, lhe destina a ser manuseada em proposta eventual e repartida ou pelo reconhecimento dela por parte de professores de inglês atuantes como autênticas da diversidade do uso da linguagem prevista para o aprendizado significativo. Segundo Zilberman (2008, p. 21):

Em ampla visão, a crise da Literatura no Brasil significa “falta de leitura”, recriminam-se os alunos por não gostarem de ler, preferirem às outras formas de expressão ou acomodarem-se a ignorância. Por outro lado, denuncia-se a falta de eficiência do professor de literatura, pautando-se nos fatos de que os alunos não aprendem o conteúdo das disciplinas de que a literatura faz parte, pois ao final do processo de escolarização, desconhecem gramáticas, não escrevem corretamente, ignoram a tradição literária.

No pensamento da autora, para que os professores de literatura e língua inglesa atentem-se aos estereótipos que inferiorizam a disciplina como dignas da formação do ensino fundamental, é indispensável, justamente incluir as formas e gostos de expressão dos estudantes na seleção do texto e construções de significados dele pautados nas subjetividades dos leitores estrangeiros, desconstruindo assim a visão de ineficiência do trabalho pedagógico, e trazendo o aluno como protagonista do seu próprio hábito de leitura. Ademais, o referido apagamento da literatura nos currículos escolares pode desfamiliarizar ela, nas práticas do magistério básico de língua inglesa. Para tanto, a discussão aqui segue para algumas ideias plausíveis para destacar a funcionalidade da literatura no ensino da habilidade de leitura em inglês. A princípio ressalta-se a relevância de atividades de leitura de forma coletiva, como os debates sobre temas da obra/texto, aproveitamento das lições morais e valores culturais do determinado (con)texto dela, no que se refere a sociedade e momento histórico em que foi elaborada e como tais desdobramentos podem auxiliar a resolução ou mediação de problemas contemporâneos presente na realidade dos leitores, as rodas de conversas e leituras compartilhadas e até comentadas/mediadas pelo professor, ou mesmo com auxílio de dupla colega de classe mais proficiente e com senso cooperativo, por se tratar da uma prática em língua não materna, devem ocorrer cientes de que a “discussão não é uma forma de aprender a ler um livro; é algo que analisa uma experiência já alcançada, pelo menos em parte” (Brumfit e Carter, 1986, p. 32, tradução própria), essa premissa de fato pode evitar que o ensino de literatura predominantemente tradicionalista e historicistas, muito voltada a padrões de escrita de época se hegemonizem na aula de língua estrangeira.

Dado que a proposta da BNCC está voltada a entender, interpretar e apreciar textos literários no seu eixo leitura, para fornecer mais profundidade aos apontamentos sobre o uso da literatura na aula de inglês, confronta-se aqui com algumas percepções também para essa vertente, quanto às deliberações da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que ofertam a disciplina língua inglesa como obrigatória na educação básica, somente a partir do sexto ano do ensino fundamental (Brasil, 2017). Para além da presença limitada do documento curricular de educação, nas diretrizes legislativas gerais, ocorre um descompromisso com o direito ao acesso a cultura

multilíngue nas primeiras infâncias, uma vez que quando os alunos chegam no 6º ano, se em idade adequada, estão nas últimas infâncias ou pré-adolescência, e o choque com a necessidade de compreensão de mundo em uma prática de linguagem estrangeira pode desestimular seu interesse nas atividades ou até manifestar aversão, o que novamente correr o risco de levar a alienação aos estereótipos da ineficiência do ensino de língua estrangeira, e para a literatura nesse cenário, o descaso é exponencial, na inobservância à criatividade exacerbada das crianças, subestimando indiretamente sua pré-disposição à aquisição da linguagem em sentidos múltiplos, traço também da arte literária, principalmente pela oralidade, música, rima, poema, contação de história, etc. habilidades de falas, inclusive, das quais os alunos mais apresentam dificuldades nos sérios seguintes. Pelo menos, como já discutido, é admissível então, traçar enfoques de dinamização dos conhecimentos prévios dos estudantes para alcançar os possíveis significados originados da compressão leitora em inglês, que sejam sensíveis às realidades dos alunos e como bem ressaltado pela BNCC, apoiar-se nos saberes das línguas maternas ou outras eles possam ter fluência.

Para amenizar os efeitos desse descompromisso à cultura multilíngue no Brasil para com as primeiras infâncias, o professor de literatura e língua inglesa pode tomar para suas práticas as especificidades da psicologia das diferentes infâncias, de acordo com Piaget (1993, p. 62):

Por volta dos onze anos efetua-se uma transformação fundamental no pensamento da criança, que marca o término das operações construídas durante a segunda infância; é a passagem do pensamento concreto para o “formal” ou como se diz em termo bárbaro, mas claro, “hipotético-dedutivo”.

Tendo com faixa etária dos alunos do 6º ano do ensino fundamental público os onze anos, o professor observará que está é uma etapa de transição e de maturação do pensamento, a criança precisa ser estimulada a seguir suas atividades cognitivas, já se desvinculando do pensamento egocêntrico e da predominância da reflexão interna e hipotética de suas práticas comunicativas e comportamentais, para adquirir experiências de reflexão mais coletivas e concretas à realidade. Dessa forma, o docente deve promover o ensino da leitura em língua estrangeira cautelosamente, com enfoque centrados nos diferentes fenômenos de construção de significado que são evidenciado ao decorrer da prática interpretativa, mediando esse processo com os instrumentos ou métodos que forem aplicáveis, sempre respeitando e seguindo a demonstração de pensamento mais socializável e com teor reflexivo por parte dos estudantes, nas reações e respostas cunhadas por eles, quanto ao estado de coerência aos parâmetros interpretativos do textos e ao das suas subjetividades associadas a sua realidade sociocultural.

Brumfit e Carter (1986, pág. 5) “[...] o leitor não lê literatura em busca de verdade factual ou informação, e essa fluidez ou representação proíbe a prática de linguagem formulaica.”

Aconselha-se o professor tomar conhecimento dos níveis de fluência na competência leitora dos estudantes para propor a leitura do texto literária de forma adequada.

Relacionar aqui com os teóricos de ensino aprendizagem e de leitura da literatura infantil

Brumfit e Carter (1986, pág. 22): “E em muitas escolas e faculdades, mesmo a seleção do texto é determinada mais pela tradição ou pelos interesses dos professores do que pela escolha deliberada daqueles textos que são mais adequados às necessidades dos alunos.”

Fazer a reflexão na teoria da Piaget da idade dos alunos (médias de idade 11 anos do 601 e 14 anos do 701) na fase da infância no ensino e aprendizagem com a teoria de literatura Infantil

Collie e Slater (1987, pág. 4): “Ao ler textos literários, os alunos também precisam lidar com a linguagem destinada a falantes nativos e, assim, adquirem familiaridade adicional com muitos usos, formas e convenções linguísticas diferentes do modo escrito: com ironia, exposição, argumentação, narração e assim por diante.”

Motivação, engajamento, leitura significativa)

METODOLOGIA

RESULTADOS

Professora chamava atenção a diversos pontos: o exercício da leitura é dentro das possibilidades, os alunos fazem traduções e eles são livres para usar dicionário, os textos a serem instrumentalizados devem ser menores para facilitar a finalização da leitura, a falta de recursos tecnológicos para contextualizar melhor o trabalho com língua estrangeira e a carência de materiais didáticos de Língua Inglesa, sendo a maioria das atividades propostas extraídas de materiais de acervo pessoal da professora.

Esses materiais instruem de forma mais normativa e estruturalista, com menor curso sócio interacionista e comunicativo, ainda que a maioria das atividades têm como base um gênero textual escrito em Língua Inglesa, e seguido de questões de interpretação voltadas à gramática e também de compreensão de informações do texto, por isso é de suma importância estimular socializações a respeito da leitura. A maioria das atividades cumpridas, não tinham discussões, ou leituras compartilhadas, logicamente situações

essas proporcionados pelo baixo salário dos professores que pode acarretar desmotivação, insuficiência de verbas governamentais para os devidos investimentos, também influenciadas pelas condições climáticas desfavoráveis, e pelas grandes quantidades de alunos, que são abstidos de um ensino de maior qualidade.

Na turma 701 a atividade proposta baseou-se em exposição do gênero Tirinha para leitura e posterior resposta de perguntas. No momento da leitura, os alunos não utilizam dicionário por motivos econômicos, que agregados à falta de internet e laboratório de informática dificultam as traduções. Para o auxílio dessas traduções, a professora concebe o uso de celular e ainda disponibiliza um quadro de vocabulários em Inglês, com algumas palavras do texto que eles ainda não conhecem. A turma foi dividida em duplas para realizar a atividade completa.

As instruções da professora em como interpretar designavam consultar as pergunta, na informação específica a ser buscada, para depois estudar a leitura dos quadrinhos que são relacionados às questões, assim percebe-se que a professora prioriza a leitura prévia das questões, do que é requerido por elas, ao invés de iniciar com uma primeira leitura do texto como ponto de partida para as questões, com intuito dos alunos não perderem tempo.

Outra instrução é de que os alunos não traduzam diretamente, palavra por palavra, mas que utilizem o quadro de vocabulários de forma ligada às outras palavras, para promover maiores compreensões.

As observações do material didático da atividade da Tirinha são extremamente positivas, tanto que esse foi o material escolhido como modelo para a posterior elaboração de atividades na oficina

Nesse cenário, é estendido ainda mais as possibilidades de trabalhar a literatura, em virtude de que é incontestável o excelente trabalho de leitura e questões de interpretações bem articuladas, abordando personagens, as conclusões agradáveis ou desagradáveis da história, vilão e outros elementos, Isso somado a presença de gênero textual, deu suporte para a proposta de integrar a literatura, trazer um texto literário, trabalhando interpretações, incluindo também o sócio-interacionismo.

DISCUSSÃO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf> Acesso em 17 de Agosto de 2018 às 18hrs06min.

BRASIL. Senado Federal. LDB : Lei de diretrizes e bases da educação nacional. – Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf> Acesso em 17 de Agosto de 2022 às 22hrs35min.

BRUMFIT, Christopher; CARTER, Ronald. Literature and Language Teaching. Printed in Hong Kong. Oxford University Press. Walton Street, Oxford OX2 6DP. United Kingdom. 1986.

COLLIE, Joanne; SLATER, Stephen. Literature in the language classroom: A resource book of ideas and activities. Cambridge: Cambridge University Press. 1978.

NEVES, Anabela. et al. Observe! Vai ver que encontra. In: “ Pensar avaliação, melhorar a aprendizagem” /IIE. Lisboa: Texto Editora, IIE, 1994. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/90115581-Observe-vai-ver-que-encontra.html>> Acesso em: 18 de Agosto de 2022 às 23hrs45min;

PIAGET, Jean. Seis estudos de psicologia / Jean Piaget; tradução da Profa. Maria Alice Magalhães D’Amorim e Paulo Sérgio Lima da Silva – 19ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

ZILBERMAN, Regina. Literatura e pedagogia: ponto e contraponto / Regina Zilberman, Ezequiel Theodoro da Silva. – 2.ed. – São Paulo : Global ; Campinas, SP : ALB-Associação de Leitura do Brasil, 2008.

PROENÇA FILHO, Domício. A linguagem literária. - 8ed.-São Paulo: Ática, 2007.